

O crime era de ação pública

De que o acusamos, desde a primeira vez, é de haver falhado em sua função de homem público, de guardião da sociedade e de distribuidor de justiça. De maneira alguma poderia impronunciá-los, mesmo que só restassem contra os acusados leves indícios — o que não era evidentemente o caso, ante as provas acumuladas, os depoimentos, as reconstituições. Sua Senhoria deveria tê-los encaminhado ao Tribunal do Júri, ao tribunal do povo, a fim de que tais suspeitas pudessem ser vencidas ou comprovadas. Nunca, sob pretexto inocente, tão inocente que não faz justiça à sua cultura e à sua inteligência, e que um observador malicioso interpretaria como o artil (a alegação de que a família da morta não havia apresentado queixa do atentado violento ao pudor, é crime de ação pública, segundo acórdão, de Nelson Hungria, em 1956, no STF), o Juiz Souza Netto, de forma alguma, poderia ter libertado, como o fez, os acusados, anulando, ainda por cima, o processo,

tentando passar uma esponja sôbre tudo, como se estivesse a dizer aos supostos matadores: comecem de nôvo. Como se estivesse a dizer aos candidatos a assassinos e a estupra- dores: sirvam-se à vontade.

O que êsse Juiz tão eficiente ao aplicar justiça, como no caso do negro Gregório, deveria ter feito era facilitar aos réus brancos o caminho do remorso e, se possível, da recuperação. Permitir-lhes, se restasse a êsses desalmados um mínimo de humanidade, de moral, de discernimento, permitir-lhes levar o resto dos seus anos ajoelhados aos pés da sepultura da menina Aída, a pedir-lhe perdão, a enxugar as lágrimas daquela pobre mãe, que foi encontrar a filha em uma poça de sangue, jogada sôbre o ladrilho. Nunca o Juiz poderia ter aberto a porta dos fundos, que é a da impronúncia de acusados contra os quais, fortemente, pesam as maiores suspeitas, os mais fortes indícios. Nunca um juiz lhes deveria ter aberto a porta, para que saíssem, com um sorriso debochado nos lábios, em busca de novas aventuras fáceis. (Ronaldo, no mesmo carnaval, seguiu para Poços de Caldas, onde brincou no Hotel Quisisana. De óculos e tudo, o patife.) Nunca o Juiz lhes deveria ter dado, fàcilmente, o grande prêmio da liberdade pela heróica façanha de terem covardemente matado uma menina indefesa que se recusou — quanto atrevimento! — a aceitar as suas carícias sujas e forçadas.